

A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA PROFESSOR CEM FLORÊNCIO AIRES

THE CONTRIBUTION OF PIBID IN THE CONSTRUCTION OF TEACHING IDENTITY: AN EXPERIENCE REPORT AT SCHOOL PROFESSOR CEM FLORÊNCIO AIRES

Biathriz Ramalho de Souza¹

Juliana Ricarte Ferraro²

Maria de Jesus Pereira dos Santos³

Resumo: *O constructo da identidade docente ocorre de maneira progressiva, e através da relação dos diversos contextos onde o docente, ou o futuro docente está inserido, ou ainda dos discursos veiculados sobre os mesmos. Por isso objetivamos com esse trabalho, mostrar como o PIBID contribuiu na construção da identidade docente dos bolsistas do subprojeto de história do Colégio Professor CEM Florêncio Aires, relatando uma das oficinas pedagógicas realizadas. E pôde-se concluir como a experiência de participação no PIBID auxiliou e corroborou na construção da identidade docente, já que abriu a possibilidade de inserção dos futuros profissionais na realidade escolar. Contexto essencial como parte fundamental da formação da identidade docente. Colocando-os diante dos sabores e dissabores dessa realidade, através dos desafios vivenciados pelos mesmos.*

Palavras-chave: *Identidade Docente. Cotidiano Escolar. Pibid. Bullying.*

Abstract: *The making of a teacher identity occurs in a progressive way, and performs in the different contexts where the teacher, or the teacher to be is inserted, or the discourses conveyed about them. Because we aim with this work, show how the GDP contributed to the construction of the teaching identity of the scholars of the history subgroup of the College CEM Florencio Aires, reporting one of the pedagogical workshops held. It can be concluded as an experience of participation in PIBID and help in the construction of the teaching identity, since it opened a possibility to insert in the future professionals in the school reality. Essential context as a fundamental part of teacher identity formation. Putting them before the flavors and desavors of this reality, through the challenges experienced by them.*

Abstract: *Teaching Identity. School Life. Pibid. Bullying.*

1 Acadêmica do curso de História da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Porto Nacional. Bolsista do subprojeto de História UFT/PIBID/CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3147384869113790>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2881-3682>. E-mail: biathriz.ramalho@outlook.com

2 Professora Doutora do Curso de História. Orientadora UFT/PIBID/CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5503371945137722>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4115-4511>. E-mail: juferraro@uft.edu.br

3 Professora na Escola Cem Florêncio Aires (Porto Nacional, TO) Supervisora UFT/PIBID/CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3844177433786232>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4787-2407>. E-mail: maria_pereira13@hotmail.com

Introdução

Para falar da contribuição do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), para a construção da identidade docente, ou ainda, identidade profissional, como é tratada por alguns autores, é interessante entender, que esse é um programa ligado a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E tem entre outros objetivos, o de aproximação dos discentes dos cursos de licenciatura das Instituições de Ensino Superior do Brasil, com o cotidiano escolar, na tentativa de iniciar os mesmos no seio dessa cultura, proporcionando-lhes assim, e de antemão alguma perspectiva da docência. Assim, o programa funciona com a participação de 20 a 30 discentes, que podem ser divididos em grupos com subprojetos, como ocorre na Universidade Federal do Tocantins, no curso de História do campus de Porto Nacional.

Nesse subprojeto, os discentes estão divididos em três grupos, ligados a três escolas do Município de Porto Nacional, sendo elas respectivamente, o Colégio Estadual Doutor Pedro Ludovico Teixeira, Colégio Estadual Angélica Ribeiro Aranha, e o Colégio Professor CEM Florêncio Aires⁴, sendo nesse último, à experiência da qual iremos destacar nesse relato. A escola oferece três modalidades de ensino, que são o ensino fundamental de 6º ao 9º ano, o ensino médio, e o EJA, 3º segmento do ensino médio.

O trabalho na escola ocorre através da metodologia de oficinas pedagógicas, se utilizando também do método do tema gerador para tratar a interdisciplinaridade, e o tema escolhido para este subprojeto, baseado em discussões sobre sua abrangência, foi a “Arte”. A arte pode ser considerada como certas manifestações da atividade humana que instigam, por exemplo, sentimentos de admiração, além de que “nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia” (COLI, 2017).

As oficinas pedagógicas permitem que haja maior interação entre teoria e prática na construção do conhecimento, já que, em muitos momentos existe certa distancia entre essas vertentes. E através da oficina pedagógica é possível trabalhar o tripé do sentir-pensar-agir, tirando o foco que geralmente está voltado somente para a cognição, e traz a ação para somar-se a reflexão (PAVIANI, 2009). Além de que, com a utilização do método do tema gerador, aumenta-se a possibilidade de um conhecimento mais integral, no sentido de não limitar os conteúdos em disciplinas específicas (DE MORAIS, 2013).

A identidade docente por sua vez, é um tema com conceituação não uniforme, já que, segundo Garcia et al., (2005), a categoria docente é de certa maneira heterogênea, quando se pensa nas subdivisões relacionadas a graus de ensino; e a instituições, refletindo também, nas solicitações por direitos, mediante as políticas públicas. Por isso, para a autora, a identidade docente é uma construção, onde participam algumas vozes formadoras de discursos sobre esta, fazendo parte desse ensejo “sujeitos” como as políticas educacionais, a “mídia impressa, televisiva, e cinematográfica”. Além da impressão criada na comunidade geral, na absorção desse discurso, instigando também a um imaginário popular sobre o que é ou deveria ser a docência.

Ainda sob essa perspectiva:

[...] diz Martin Lawn (2001) Apud Garcia et al., (2009, p.47), a gestão da identidade profissional dos docentes é uma tarefa central no governo e na condução do sistema educacional e escolar de uma nação. Definir pelo discurso que categoria é essa, como deve agir, quais suas dificuldades e problemas é produzir uma parcela das condições necessárias à fabricação e à regulação da conduta desse tipo de sujeito.

No entanto, mesmo esses autores não se isentam de participação no próprio discurso de sua iden-

4 O Colégio Estadual Professor CEM Florêncio Aires está localizado no centro da cidade de Porto Nacional, no bairro Jardim Brasília, tendo em suas proximidades vários pontos comerciais, a Prefeitura Municipal, o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, a praça do centenário, umas das praças mais conhecidas da cidade, entre outros.

tidade, os professores, como sujeitos constituintes de “um conjunto de variáveis como a história familiar e pessoal, as condições de trabalho e ocupacionais, os discursos que de algum modo falam do que são e de suas funções”.

Para Lopes (1993, p. 47),

A identidade é um processo que integra várias experiências do indivíduo ao longo de toda a sua vida; logo, deve-se abandonar definitivamente a ideia de uma identidade com períodos reificados de elaboração e enfatizar os contextos de socialização. É no seio de redes interactivas que o indivíduo se constrói como possuidor de um conjunto de atributos pelos quais se define face aos outros; e é sempre por relação com estes que o indivíduo rejeita ou aceita imagens de si. A opção pela interação do individual e do social não se restringe às interindividuais, mas inclui as estruturas sociais (LOPES, 1993, p.82-83).

Nascimento (2007) traz um conjunto de três características que compõem a identidade docente, que são as: dimensões motivacional, representacional e sócio profissional. Sendo a relação entre elas, constituintes da formação desta identidade, a autora explica, por ordem de escrita, que a primeira, está relacionada aos motivos que levam ao indivíduo a escolher a docência como profissão. E divide ainda esses motivos em intrínsecos e extrínsecos, sendo os primeiros a tentativa de uma realização pessoal ou algum ideal de profissão. E os segundos ligados a motivos sociais e econômicos como, por exemplo, perspectiva de emprego, condições de trabalho, e ainda expectativas de outros.

A segunda dimensão diz respeito a uma compreensão ou, a uma percepção de um perfil e de um papel profissional docente, nas palavras da autora, de uma “imagem” docente. Assim também, a possibilidade de fazer a junção ou uma relação entre a representação que o indivíduo possui de si mesmo, com a representação desse perfil profissional, ou seja, a relação entre essas duas imagens. E a terceira dimensão, trata da socialização profissional, ou seja, da inserção do futuro profissional no contexto da profissão, “os objectivos da socialização profissional residem na integração da cultura profissional pelo (futuro) professor e na adaptação e integração deste no grupo profissional e nos contextos profissionais nos quais desenvolverá a sua atividade” (NASCIMENTO, 2007, p. 214).

Seguindo ainda nessa ótica, Marcelo (2009) diz que identidade docente é a maneira como os educadores definem a si próprios e aos outros. É a construção do “eu” profissional, e que se modifica ao longo do tempo, através das experiências, das influências, por exemplo, da escola, das reformas e contextos políticos. E tudo isso “integra o compromisso pessoal, a disponibilidade para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento sobre as matérias que ensinam e como as ensinam, as experiências passadas, assim como a própria vulnerabilidade profissional”.

Ainda para Iza et al., (2014) a identidade docente “é entendida aqui como um processo de construção social de um sujeito historicamente situado”. E quando se trata da identidade profissional, esta é construída com base no significado social da profissão, de suas tradições e no fluxo histórico de suas contradições. E é também uma realidade que “evolui” e se desenvolve tanto individualmente quanto coletivamente (MARCELO GARCIA, 2009).

Por isso, se esse constructo ocorre de maneira progressiva, e através da relação dos diversos contextos onde o docente, ou o futuro docente está inserido, ou ainda dos discursos veiculados sobre eles. Objetivamos com esse trabalho, mostrar como o PIBID contribuiu para construção da identidade docente dos bolsistas do subprojeto de história do Colégio Professor CEM Florêncio Aires, relatando uma das oficinas pedagógicas realizadas. E justifica-se pela importância do início precoce dessa inserção dos discentes dentro de contextos que possibilitem a construção desta e a pré-percepção de si mesmo como futuros docentes, através do contato com o cotidiano escolar.

Cultura do Bullying: como o Bullying dita as relações nas escolas

As oficinas pedagógicas do Colégio Professor CEM Florêncio Aires são semanais, ocorrendo no período vespertino, das 14h00min às 16h00min, com frequência de alunos entre 10 a 15. Ocorrem também, dois encontros semanais, para o planejamento das mesmas, onde são discutidas as temáticas, baseadas no tema gerador escolhido.

A temática bullying foi escolhida por ser de extrema relevância, devido a sua ocorrência frequente, e consequências graves, principalmente nas escolas. Segundo Villela (2015), os índices mundiais de alunos envolvidos no fenômeno variam de 6 a 40%, e no Brasil, estes índices estão em torno de 40% no ensino básico, não havendo informações relativas ao ensino médio. Já o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) mostrou em seu censo de 2015, que um em cada dez estudantes brasileiros é vítima de bullying. Poderíamos citar ainda como exemplo, casos como o do garoto que abriu fogo na escola Goyazes, em Goiânia no estado de Goiás, e que de acordo com as investigações, foi motivado pelo bullying que sofria; um entre outros que demonstram a gravidade do assunto (GARCIA, D., 2017).

Esse tema foi trabalhado em duas oficinas, nos dias 19 e 26/03 de 2019, que serão relatadas a seguir: A oficina do dia 19 teve o objetivo geral de construir um conhecimento sobre a nocividade do bullying, com objetivos específicos de levantar questões relativas às diferenças que existem entre as pessoas; discutir essas diferenças, e se elas trazem dificuldades reais nas relações que se estabelecem entre todos; discutir o conceito de diversidade e inclusão.

Para alcançar esses objetivos, a oficina se desenvolveu da seguinte maneira, teve início com uma fala para introduzir o assunto, feita pela acadêmica Hemilly Oliveira, que também conduziu uma dinâmica por título “somos iguais e diferentes”, com a intenção de situar os alunos de maneira mais didática ao tema. Houve em seguida uma rápida discussão sobre o tema, e como está inserido no cotidiano dos alunos, e foi passado um vídeo sobre, seguido de uma fala feita pelo acadêmico Moacir. Logo após, ocorreu a apresentação de uma música referente ao tema, e a organização dos alunos para produção daquilo que expressasse para cada um, o aprendido através das atividades anteriores, e a organização de uma roda de conversa para discussão e apresentação das produções.

Já a oficina do dia 26 teve como objetivo geral o de construir ações de prevenção contra o bullying e por extensão o racismo, e objetivos específicos, verificar o conhecimento adquirido pelos alunos na oficina anterior sobre bullying; investigar a conscientização sobre as temáticas desenvolvidas anteriormente; conduzir os alunos a percepção crítica de suas ações no ambiente escolar e na sociedade. Que se desenvolveu a partir da exposição de dois vídeos sobre o bullying, o que instigou a uma conversa e exposição por parte dos alunos e bolsistas, de situações de suas próprias experiências onde sofreram algum tipo de bullying ou racismo na escola. Em seguida, ocorreu a construção de um mural de forma conjunta por alunos e bolsistas, como forma de ação e alerta, para a prevenção contra o bullying e racismo, onde foram expostos os desenhos, poesias, relatos, e também a apresentação de peças teatrais, dentre outras produções sobre a temática.

Construindo a identidade docente: uma relação entre Bullying, cotidiano escolar e docência

Apesar das discussões sobre o bullying serem recentes, esse é um fato que a muito está presente no ambiente escolar (RAMO, 2008). Um dos primeiros a utilizar o termo Bullying, e a dar atenção ao estudo do assunto, foi o professor e pesquisador da Universidade de Bergem na Noruega, por nome Dan Olweus, quando estudava tendências suicidas em adolescentes. E em 1970 ele já explorava a questão dos agressores e suas vítimas na escola, mas, somente em 1980, depois do suicídio de três adolescentes entre 10 e 14 anos, por situação aparentemente grave de bullying, que as instituições passaram a demonstrar

mais interesse pelo assunto (CAMPOS, JORGE, 2010).

No Brasil, as primeiras pesquisas referentes ao fenômeno foram feitas pela Associação Brasileira de Proteção à Infância e ao Adolescente (ABRAPIA), sob a coordenação das professoras Aramis A. Lopes Neto e Lucia Helena Saavedra e da pesquisadora Cleo Fante. Estas pesquisas revelaram que *bullying* está presente nas escolas brasileiras, independente de sua localização, tamanho, séries atendidas, se são públicas ou privadas e o lugar indicado como de maior incidência do fenômeno foi à sala de aula (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003; FANTE, 2005 Apud PINGOELLO et al., 2010,p.2).

O termo *bullying* é de origem inglesa, derivado da palavra *bull*, que tem o significado de “touro ou valentão”, e que por não ter sinônimo adequado para o português, continuou-se a utilizar o termo em inglês (RAMOS, 2008). Ainda esse termo está relacionado a um tipo particular de comportamento agressivo e violento no contexto escolar, entre pares, que pode ser caracterizado pelos critérios da intencionalidade, repetitividade e desequilíbrio de poder. Podendo manifestar-se “diretamente, nas formas física (bater, cuspir), verbal (apelidos pejorativos, ameaças, insultos, fofocas) e por meio do *cyberbullying* (uso de mídias sociais eletrônicas ou de comunicação – internet e telefone), ou indiretamente, em situações sem confronto direto entre as partes envolvidas (exclusão social e fofocas)” (OLIVEIRA et al., 2015).

Como citado anteriormente, o *bullying* está ligado de forma veemente ao contexto escolar, já que a escola é um local onde são construídas e consolidadas relações sociais entre as crianças e adolescentes, e onde se convive de forma mais complexa com a diversidade. É onde se percebem ainda mais explicitamente as diferenças em todos os âmbitos, o que gera quase sempre o estranhamento, e conseqüentemente fenômenos de conflitos, como este. Principalmente quando pensamos nas relações que são construídas nesse ambiente, que incluem e excluem dependendo de “gostos, opiniões, capacidade intelectual, personalidades e religiosidade” (RAMOS, 2008).

No entanto, mesmo com esse grau de relevância, ainda podemos encontrar dados que demonstram o despreparo para lidar com esse fenômeno pela comunidade escolar. Em uma pesquisa realizada em sala de aula numa escola estadual do Paraná, com a participação de 35 alunos de 5ª ano e 11 professores, onde foi feita observação, a aplicação de teste sociométrico, e questionário para os professores, pode-se observar que, os docentes conseguem ter uma boa percepção dos conflitos e das exclusões em sala de aula. Mas, não ligam tais problemas ao *bullying*, e tem déficit de orientação adequada para da solução aos conflitos (PINGOELLO, 2010).

Ainda segundo esse autor, relações sociais bem sucedidas em sala de aula são essenciais para um desenvolvimento intelectual e social saudável do aluno; e é de imprescindível importância que o educador faça alguma intervenção se percebe movimentos excludentes, por decorrência do *bullying*, assim como qualquer outro tipo de discriminação ou agressão em sala de aula.

Assim, ao nos voltarmos para as questões de formação da identidade docente, percebemos como é fundamental ter contato com a realidade escolar, e desde cedo desenvolver alguma noção dos desafios dessa realidade. Segundo Nascimento (2007), desde a formação inicial é preciso haver socialização profissional, de maneira a antecipar e promover o conhecimento dessa realidade profissional, “permitindo o confronto e a (re) elaboração das representações profissionais, incluindo a imagem da profissão e de si próprio relativamente à profissão”. O que contribuirá para esclarecer, pelo menos de forma parcial as expectativas referentes ao ambiente escolar, e somar na (re) estruturação do projeto profissional, que está ligado às questões motivacionais para a docência.

Trazendo para essa discussão a experiência aqui descrita, vivenciada pelos bolsistas do PIBID, podemos encontrar muitas características relativas a essa inserção dentro do cotidiano escolar. A possibilidade de obter pré-vivência logo no início da formação, proporciona esse confronto citado anteriormente por Nascimento (2007), com o projeto profissional em formação, ao trabalhar com tema tão complexo como o *bullying*, assim como de outros não citados aqui. Além da possibilidade de perceber, mesmo que parcialmente, essa imagem profissional da docência, e observar as características individuais de suas próprias imagens, nesse contato direto com os alunos.

As definições tanto antigas quanto recentes, veem o desenvolvimento profissional docente como um processo, individual ou coletivo, que, porém, se contextualiza no local de trabalho, a escola. E estar dentro desse contexto auxilia no aditamento das competências profissionais, pelas experiências com índoles variadas, formais ou informais. Ainda, esse desenvolvimento ocorre também através da reflexão sobre a própria prática dentro desse contexto (MARCELO, 2009).

O PIBID ao proporcionar esse contato com a escola, permite a vivência com esse contexto da docência, inclusive como um processo coletivo também, afinal, os bolsistas se encontram semanalmente para organizar as oficinas, refletindo sobre os conteúdos que serão trabalhados. E, para além, refletir sobre suas práticas na escola, suas desenvolturas, suas frustrações, e os resultados alcançados ou não, e por que; o que permite antecipadamente verificar as competências que estão sendo desenvolvidas. E em relação ao individual dessa identidade docente, uma das características dessa vivência em oficinas, é a divisão de funções, que permite que cada bolsista tenha a oportunidade de estar à frente da coordenação de alguma atividade em cada oficina.

Ao promover-se momentos de discussão entre alunos e bolsistas, torna-se ainda mais enriquecida a experiência de vivência do cotidiano escolar, e estas segundo Marcelo (2009), são as mais eficazes para o desenvolvimento profissional. Essas exigem atividades que são realizadas diariamente na escola, como as construídas pelos alunos e bolsistas, como os debates, a produção de ações de prevenção, a reflexão, e a construção de conhecimento, que é essencial para educação.

Assim podemos concluir diante do exposto, como a experiência de participação no PIBID auxiliou e corroborou na construção da identidade docente, já que abriu a possibilidade de inserção desses futuros profissionais na realidade escolar. Contexto essencial como parte fundamental da formação da identidade docente. Colocando-os diante dos sabores e dissabores dessa realidade, através dos desafios vivenciados pelos mesmos.

Considerações Finais

Neste trabalho, foi proposto o objetivo de mostrar como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), contribui para a construção da identidade docente, baseado no relato de experiência de uma das oficinas realizada no Colégio Professor CEM Florêncio Aires, da cidade de Porto Nacional no Estado do Tocantins, promovida pelos discentes do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E observou-se que esse objetivo foi alcançado, já que o processo de construção da identidade docente, baseado nos autores citados durante o relato, entre outras características, ocorre quando os indivíduos estão de alguma maneira, inseridos dentro do contexto escolar, e participando das experiências desse ambiente. Já que a identidade docente é um processo que se dá antes e durante a vida profissional, e além de ser uma construção social é também uma construção individual, que envolve realização pessoal e projeto profissional.

Referências

CAMPOS, Herculano Ricardo; JORGE, Samia Dayana Cardoso. Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa. **Em Aberto**, v. 23, n. 83, 2010.

COLI, Jorge. **O que é arte**. Brasiliense, 2017.

DE MORAIS COSTA, Jaqueline; PINHEIRO, Nilcéia Aparecida Maciel. O ensino por meio de temas-geradores: a educação pensada de forma contextualizada, problematizada e interdisciplinar. **Imagens da Educação**, v. 3, n. 2, p. 37-44, 2013.

GARCIA, D. **Atirador de GO passou de vítima de bullying a agressor e remete a caso Columbine, diz psicóloga**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/10/21/atirador-de-go-passou-de-vitima-de-bullying-a-agressor-e-remete-caso-columbine-diz-psicologa.htm>. Acesso em: 28 jul. 2019.

GARCIA, Maria Manuela Alves; HYPOLITO, Álvaro Luiz Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos. **As identidades docentes como fabricação da docência**. 2005.

IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto et al. Identidade docente: as várias faces da constituição do ser professor. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 2, p. 273-292, 2014.

LOPES, Amélia. **A identidade docente: Contribuindo para a sua compreensão**. 1993.

MARCELO GARCÍA, Carlos. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Revista de ciências da educação**, 8, 7-22, 2009.

NASCIMENTO, Maria Augusta Vilalobos. Dimensões da identidade profissional docente na formação inicial. **Revista portuguesa de pedagogia**, p. 207-218, 2007.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al. Causas do bullying: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 23, n. 2, p. 275-282, 2015.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura: filosofia e educação**, v. 14, n. 2, 2009.

PINGOELLO, Ivone; HORIZUELA, Maria de L. Morales. Bullying na sala de aula. **De jure: revista jurídica do Ministério Público do Estado de Minas Gerais**, 2010.

RAMOS, Ana Karina Sartori. **Bullying: a violência tolerada na escola**. Cascavel/PR: Unioeste, 2008.

VILLELA, Denise Casanova. *Bullying* e lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. In: **Revista do Ministério Público do RS**. Ministério Público RS: Porto Alegre (RS), n. 81, set. 2016 – dez. 2016, pp. 09 – 22.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **MEC apoia enfrentamento ao bullying e violência nas escolas**. MEC: Brasília, s/d. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487>. Acesso: 29 jun. 2019.

Recebido em 30 de novembro de 2020.

Aceito em 11 de dezembro de 2020.